

82.09

T629_e

Ex 1

C 9256 9233

B. L.	
C. L. T. T.	
Campus Universidade - MT	
R. N.º	10258
Data	16.1.07 / 04
<i>[Signature]</i>	

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

EPITÁFIOS: OS SENTIDOS DA MORTE

JOÃO VANES DA SILVA TOBIAS

T6292

PONTES E LACERDA-MT, DEZEMBRO DE 2003.

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

EPITÁFIOS: OS SENTIDOS DA MORTE

JOÃO VANES DA SILVA TOBIAS

Monografia apresentada ao curso de graduação em
Letras (DL) da Universidade do Estado de Mato
Grosso - Campus Universitário de Pontes e Lacerda,
como requisito parcial para a obtenção do título de
graduado em Letras.

Profª Orientadora: Kátia Chaves de Freitas.

PONTES E LACERDA-MT, DEZEMBRO DE 2003.

Esta monografia foi apresentada e defendida perante a seguinte banca
examinadora:

PONTES E LACERDA-MT, ____ / ____ / ____

DEDICATÓRIA

Dedico este ensaio monográfico aos vermes que roerão meus ossos na sepultura; bem como a todos os incrédulos em minhas capacidades, pois é exatamente POR estes, e PARA estes, que escrevi todas as linhas deste trabalho científico.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, por ter sido tão indulgente, prestativa e compreensiva durante toda a minha vida escolar e acadêmica.

A Simara Regina, cuja competência profissional, simplicidade e inteligência fora minha fonte de inspiração quando trabalhávamos na mesma Instituição, e ainda continua a ser.

Ao corpo docente da Unemat, Campus Universitário de Pontes e Lacerda, em especial à minha orientadora, a Profª Kátia Chaves, e à Profª Inês Parolin - gosto de todos(as), mas gosto muito de vocês!

A todos os meus colegas do Vôlei de Praia, especialmente ao João Flávio, Lucinei, Cleber, Kelson, Rogério, "Pezão", Zé Aparecido, Sargento Abenilton, Júnior, Alex, Ângelo, Jéferson, Davi, "Piriquito", Álvaro, Elane, Esther, Roseli, Nilva, Kataline, Janiely, Fabiana, Fernanda, Ione, Jone, Carmem, bem como outros(as) de todo o Estado de Mato Grosso - se hoje tenho determinação para vencer os "torneios" decisivos da vida, certamente esta "garra" é oriunda da convivência com vocês, ao longo de alguns anos.

Ao meu amigo Belmar, cuja amizade me é muito valiosa.

Enfim, a todos os que direta ou indiretamente, contribuíram para que este trabalho científico fosse realizado.

A vida é muito breve; é passageira, mas ao mesmo tempo é eterna. É tudo, é nada. Neste mundo todos um dia morrem, mas nem todos vivem em plenitude.

(João Vanes)

EPITÁFIOS: OS SENTIDOS DA MORTE

“Epitáfios: os sentidos da morte” é um trabalho científico que busca entender os sentidos que circulam nos discursos de alguns epitáfios existentes nos túmulos do cemitério de Pontes e Lacerda-MT.

Esta produção científica tem como propósito principal mostrar, bem como analisar discursivamente 05 tipos de discursos que funcionam nos epitáfios, sendo que o “sujeito do discurso” é um dos focos principais desta análise, pois é a partir dele que se desenvolvem os discursos: em 1ª pessoa do singular (eu), 1ª pessoa do plural (nós), em 1ª pessoa do singular e 1ª do plural (eu/nós), sujeito oculto ou inexistente e jargões bíblicos.

Assim como acreditamos ser complicado falar, por exemplo, da Bíblia, sem que se pense em Deus; se pensar no amor, sem que se fale de vida, também julgamos que fosse incoerente tratar do discurso dos epitáfios sem que abordássemos o elemento “morte”, que por sua vez está estreitamente ligado ao “luto”. Deste modo, “Epitáfios: os sentidos da morte” aborda a questão da morte, enquanto elemento simbólico/significativo, bem como o próprio luto, devido ao fato de pertencerem ao mesmo campo semântico.

SUMÁRIO

Introdução.....	10
I - Filiação Teórica.....	21
II - Corpus de Análise.....	26
III - Análise.....	28
3.1 - Epitáfio "D.a".....	28
3.2 - Epitáfio "D.b".....	32
3.3 - Epitáfio "D.c".....	35
3.4 - Epitáfio "D.d".....	38
3.5 - Epitáfio "D.e".....	40
Palavras Finais.....	43
Bibliografia.....	44
Anexos.....	46

INTRODUÇÃO

Com o decorrer dos tempos, o homem, com a ajuda das ciências tem, de certo modo, encontrado respostas para alguns questionamentos acerca de si mesmo e do mundo.

A evolução das ciências e os avanços tecnológicos dos séculos XX e XXI, têm proporcionado a “solução” para algumas das doenças “incuráveis” nos séculos anteriores. A exemplo disso, temos hoje a cura da tuberculose, da pneumonia, os transplantes de órgãos e de sangue, dentre outras “soluções” para problemas que “aterrorizavam” as sociedades anteriores, e que agora são facilmente compreendidos e tratados pela Medicina.

Diante de toda a “evolução” científica e tecnológica que chega ao século XXI, ainda persistem alguns problemas “insolucionáveis”, como é o caso da AIDS, do câncer e, dentre outros, da **morte**; constituindo esta, espaço para nossa reflexão neste trabalho.

Segundo a psicóloga Ingrid Esslinger, da Universidade de São Paulo (USP), especializada no atendimento de pessoas em luto, uma das maiores vontades do ser humano é se tornar imortal, ou seja, não ter que transcender da vida para a morte e, com isso, deixar para trás tudo o que construiu no decorrer de sua “peregrinação” terrestre.

Podemos dizer que a morte representa um paradoxo, pois ao mesmo tempo em que é vista como sendo um “absurdo inaceitável” pela maioria das sociedades ocidentais, e talvez isso se deva ao fato de que como diz o filósofo francês Montaigne, “nenhum de nós imagina suficientemente que não passa de uma unidade¹,” é também vista por povos com organização tribal, como um novo

¹ Ver capítulo XIII, da coleção “Os Pensadores”, volume dedicado à obra de Montaigne.

“jeito de existir”; ao transcender do plano da vida para o da morte, o indivíduo se insere numa nova comunidade - a dos mortos. De acordo com Aranha (1986):

No mundo tribal (...) a morte não é percebida como dissolução, mas apenas como o assumir uma forma diferente de existência: o morto muda de estado e passa a pertencer à comunidade dos mortos. (Aranha, 1986: 369).

Se em sociedades como as apontadas acima, a morte consiste em uma etapa da existência, no mundo ocidental aparece como um dos maiores tabus, em contrapartida ao sexo, que até o século passado era um grande tabu, mas que, gradativamente, vem deixando de ser. No entanto, a morte vem se tornando cada vez mais banida dos assuntos cotidianos. As pessoas evitam falar a seu respeito, pois, tentam viver na ilusão de uma “eterna-vida”. (Oliveira, 1997).

Para as sociedades anteriores ao século XIX, morrer era um episódio público na vida das pessoas, de modo que não havia sequer uma casa onde não tivesse morrido alguém, e o leito de morte era para o povo como um trono; mas posteriormente, com a ascensão da burguesia, houve uma inversão de valores e a morte, até então “adorada”, passou a ser uma “vilã” inaceitável pelo mundo vivente. (Benjamin, 1994).

Desde que nascemos sofremos perdas grandes e pequenas. Não que estas estejam necessariamente ligadas à “morte” enquanto tal, mas que, de certa forma, representam “lutos”. Segundo a psicóloga e tanatóloga² Maria Helena Bromberg (PUC/SP), toda e qualquer perda gera luto - a desmama do peito, a quebra do brinquedo, a demissão do emprego, a perda de uma oportunidade, dentre inúmeras outras perdas que vivenciamos no decorrer de nossa existência.

Todas essas perdas, de certa forma, poderiam ser chamadas de “mortes”, pois significam a ruptura de algo, ou de um processo pelo qual alguém ou alguma

² Pessoa que estuda cientificamente a morte.

coisa estava inserida. Essas perdas ou “lutos” dos quais estamos falando, Maria Helena Bromberg chama de “lutos individuais”, por abrangerem unicamente as pessoas que os sofrem, ou algumas outras estreitamente ligadas a elas.

Além desses “lutos individuais” existem os “lutos coletivos”, os quais refletem, não somente nas pessoas próximas, mas na vida de um grupo maior de pessoas. Um exemplo típico disso, foi o caso da morte da princesa Diana, ocorrido em 31 de agosto de 1997. A dor de sua perda refletiu na vida de bilhões de pessoas. Cada um chorou suas pequenas e/ou grandes perdas - a perda de uma filha que tinha a mesma idade dela; a perda da esposa; da amante; o fracasso diante de um sonho, etc.

Segundo a mesma psicóloga, quando um “ídolo” morre, cada um de seus admiradores toma o luto de forma particular, refletida em suas próprias perdas e fracassos, mesmo que isso se dê de forma inconsciente.

No decorrer da vida, aprendemos a relevar certos “lutos” - o próprio mundo nos remete a isso. É comum se ouvir coisas como do tipo “não se preocupe, isso acontece”, “você consegue dar a volta por cima”, “amanhã é um novo dia”. Essas “ideologias” vão se calcando ³ no ser humano, de modo que este, consciente ou inconscientemente, começa a se conformar diante da maioria de suas perdas e/ou fracassos e, com isso, se “prevenir”, cada um de seu modo, para enfrentar os problemas do cotidiano.

Algumas pessoas se preparam para usufruir uma velhice mais tranqüila, e com isso investem, desde cedo, em planos de previdência; outras se preparam para ter uma vida mais saudável, então gastam fortunas com indústrias de bem-estar, que, segundo alguns analistas de mercado, serão a grande tendência do século XXI, devido à vontade de se ter uma juventude “prolongada”.

³ Recalque, para a psicanálise, é um “mecanismo de defesa” para repelir os desejos e impulsos incompatíveis com as motivações do consciente.

Há também, pessoas que investem em cursos nas diversas áreas do conhecimento, quer seja para si próprio, quer seja para os filhos, a fim de que possam estar melhor preparados para enfrentar o “acirrado” mercado de trabalho. Mas raras são as pessoas que se preocupam em estar preparadas para a maior de todas as certezas: a morte.

Segundo o pacifista e filósofo, Daisaku Ikeda (1998), as pessoas, em sua maioria, tendem a manter-se ocupadas em constantes afazeres psíquicos, a fim de “fugir” das reflexões cruciais acerca da vida e da morte, pois estas, por sua vez, causam um certo desconforto e, sobretudo, medo.

Mas afinal, porque a idéia de morte causa tanto desconforto e espanto na maioria das pessoas? Seria a morte tão-somente uma extinção, um mergulho no universo da “não existência”, ou seria uma simples “modificação”, ao invés de o fim...?

O Cristianismo tem uma visão um tanto quanto “positiva” da morte, pois para os cristãos, a morte é uma transição de uma vida “passageira” para a “verdadeira vida” - a vida eterna. Há também, para a ideologia cristã, a certeza da ressurreição dos mortos, no dia do Juízo Final. O Novo Testamento nos mostra essa crença:

Ora, esta é a vontade daquele que me enviou: que eu não deixe perecer nenhum daqueles que me deu, mas que os ressuscite no último dia. Esta é a vontade de meu pai: que todo aquele que vê o filho e nele crê, tenha a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia. (Evangelho segundo João, cap 6: 39-40).

A Bíblia, especificamente no Novo Testamento, deixa explícita a idéia de que, todo aquele que em Jesus Cristo crê, por ele será ressuscitado. O fato dos cristãos acreditarem na “vida eterna” e na “ressurreição dos mortos” não elimina totalmente o remorso, a nostalgia e, até mesmo, a negação diante de tal assunto -

acredita-se na vida eterna após a morte, mas teme-se gravemente a passagem da vida para a morte. *A crença na imortalidade, na vida depois da morte, simboliza bem a recusa da própria destruição e o anseio de eternidade.* (Aranha, 1986:368).

As palavras de Aranha nos instigam a pensar que, muitos dos cristãos cultivam a ideologia de que mesmo havendo a idéia de que para se chegar à “vida eterna” precisa antes passar pela morte, há também a possibilidade (idéia confortante) de que, para os que ainda estiverem vivos na vinda do Reino, serão arrebatados para o “paraíso” sem mesmo terem tido que enfrentar a morte, uma vez que o próprio Cristo não diz sobre o dia que acontecerá o Julgamento Final que, por sua vez, pode acontecer daqui a mil anos, ou, talvez, amanhã mesmo.

Observemos agora a definição de morte, segundo o dicionário Aurélio da Língua Portuguesa:

Morte [Do lat. morte] Ato de morrer; o fim da vida animal ou vegetal. Termo, fim. Destruição, ruína. Grande dor, pesar profundo. Entidade imaginária de credence popular, representada, em geral, por um esqueleto humano armado de uma foice com que ceifa as vidas (...)

A idéia que suscita morte, segundo a definição do dicionário é literal, legitimada, pois significa a ausência da vida em sua essência maior; isto significa deixar para trás tudo o que se construiu numa vida inteira, quer tenha sido esta vivida ou “sobrevivida”, curta ou longa, simples ou “importante”; o que coloca aqui é o fato de que a morte é o “fim” de todas as coisas.

Todos os seres humanos são nivelados através da morte, pois diante de tal momento, de nada adianta ser rico, ou pobre; importante ou simples; branco ou negro. Frente a isso, podemos então dizer que a morte não é discriminatória, pois

coloca todos num mesmo patamar. Retomemos um trecho da sátira “Elogio da Morte”, a qual nos auxiliará a reforçar a idéia que acabamos de expor:

Soberana, gloriosa, justa e onipotente Morte! Tu mereces a exaltação do homem! Tu és a glória de Deus! Rendemos-te as nossas homenagens, lídima donzela! Nós te louvamos e agradecemos a solicitude com que tu nos lembras a todo instante à necessidade de desprezar este mundo enfermo, este mundo falaz, ridículo, corroído pela lepra da imoralidade. Tu nos impões o dever de tratar esta sociedade corrupta com desprezo, ironias e sarcasmo. Louvamos-te pelo trabalho de atirares à vala da podridão os imperadores, os reis, os sábios, os cientistas, os virtuosos, os santos, os bons e os maus de coração, os poetas, a praga dos rabiscadores e todo o rebotalho humano.

Morte! Tu és benfazeja e bem-vinda porque és o sono eterno. O doce sono sem sonhos. Tu libertas o homem da balbúrdia do dia que passou para sempre. Tu ceifa com muita arte, a vida dos demagogos, corruptos, trapaceiros, arrogantes, perverso, hipócritas, lamuriantes. O teu gadanho estarrece os cheios de ódios e faz chorar e arrepender os humildes. A tua retidão apavora os ricos, os sonhosos plutocratas e faz escabujar nas rosas agônicas as nojentas carcaças dos poderosos verdugos. A tua presença aterra os monstros de crueldade. Nero, pálido, de olhos fundos, o corpo coberto de suor frio, agita-se nas espirais da angústia e vomita biles. Henrique VIII expele fezes no real leito inglês. Os valorosos sorriem diante de ti, os pusilânimes entanguessem-se e fazem caretas tétricos. (Dr. Tánatos, apud Oliveira Malta, 1947).

Mesmo tendo caráter puramente satírico, irônico, este texto, de certa forma instiga-nos a pensar a morte de uma maneira diferente da qual “tradicionalmente” se pensa a seu respeito. Parece irônico, mas o fato é que esta sátira pode funcionar como uma espécie de “persuasão” à aceitação ou admiração da morte.

O homem, em sua maioria, não aceita a idéia de fim e se mantém na ilusão de que outros já estiveram piores e, no entanto, não transcenderam da vida para a morte. Talvez isso se deva ao fato das pessoas darem excessiva importância a si próprias e não conseguirem imaginar o seu próprio fim: *nenhum de nós*

imagina suficientemente que não passa de uma unidade. (Montaigne; Coleção os Pensadores: 505)

Segundo o psicanalista Roosevelt Smoke, da Sociedade Brasileira de Psicanálise em São Paulo, o ser humano mantém-se constantemente numa “luta psíquica” contra certos pensamentos antagônicos acerca da morte - um certo tipo de “conflito entre Eros e Tanatos”⁴ dentro de si. E é a partir deste “conflito” que se desenvolvem as religiões, as crenças, e até mesmo os avanços tecnológicos.

O antagonismo existencial entre “vida” e “morte” dentro do ser humano, o ajuda a construir certas coisas que transcendem para outras gerações, pois se tem a idéia de que coisas, como por exemplo, os atos heróicos, algumas amizades, a família, os gestos de bondade e solidariedade, dentre outras, transcendem para outras gerações e, segundo a socioantropóloga Luce Des Aulmiers, da Universidade de Omebec no Canadá, podem proporcionar uma “imortalidade”.

Como já foi colocado anteriormente, as sociedades burguesas, posteriores ao século XIX, praticamente excluíram a morte do ambiente familiar e passaram então, a banir dos assuntos do cotidiano tudo o que, de alguma forma, possa lembra-la. Talvez isso se deva ao fato de que, além da brutal violência, do mundo, onde pessoas são assassinadas de forma cruel e grotesca; a cada minuto acidentes destroem famílias e “sepultam” sonhos futuros; pacientes terminais morrem nos hospitais, muitas vezes longe da família, dos amigos, ainda tem-se o receio de deixar para trás todo o conforto, a posição social, cargo ou “status”, proporcionado à grande maioria dos integrantes dessas sociedades.

Os rituais fúnebres têm se tornado cada vês mais pragmáticos, rápidos e quase sem nenhuma importância na vida dos que ficaram.

⁴ Segundo a mitologia grega, Eros é o deus do amor, da vitalidade; Tanatos é o deus da morte.

Pode parecer irônico, mas houve uma inversão tão grande de valores entre o sexo e a morte, ao passo que no século anterior, há aproximadamente 50 anos atrás, o tema que se ocultava das crianças era o “nascimento”, pois não queria-se que estas soubessem que o sexo faz parte deste processo. A “explicação” dada a elas era de que “as pessoas nasciam em couves”. Hoje o processo “real” do nascimento já não é “segredo de estado” para a maioria das crianças; porém, as explicações dadas quanto à morte de um parente tendem a camuflar o fato e, para não causar “traumas” nas crianças, são feitas referências a uma “viagem” ou um “descanso” em meio a um lindo jardim. *Agora as crianças já não nascem em couves, porém os velhos desaparecem entre flores.* (José Luiz de Souza Maranhão, *apud Aranha*, 1986: 370).

No passado, morrer, para algumas religiões egípcias, gregas, africanas e indígenas, era um acontecimento “extraordinário”, por meio do qual o morto ficava “encantado”, ou seja, transformava-se de um “simples mortal” a um algo “mágico”. (Marilena Chauí, 1997: 302).

Já a morte, para a maioria das sociedades ocidentais, é vista como uma vilã, evitada das conversas do dia-a-dia, ficando tal assunto reservado aos tanatólogos, alguns psiquiatras, psicólogos e antropólogos, e também a algumas outras pessoas consideradas “malucas” por gostarem de colecionar objetos fúnebres, restos mortais, frequentar cemitérios, etc.

Morrer, segundo o filósofo Arthur Schopenhauer (1788-1860), ... *é um absurdo inaceitável*, pois não se insere na idéia do plano cartesiano da própria vida, através do qual todas as coisas deveriam ser compreendidas, planejadas e explicadas. Isto faz suscitar a idéia de que uma das principais razões pela qual a grande maioria das pessoas odeia, teme e, sobretudo, respeita a morte, talvez se

deva ao fato de que elas mesmas se sintam incapazes de compreender tal fenômeno, devido à grande complexidade que exprime.

Mesmo com o auxílio das ciências, bem como dos avanços e bem equipados centros médicos do século XXI, com os melhores profissionais do mundo na área da medicina, nada, absolutamente nada se pode fazer diante da chegada do momento do fim - a hora da morte.

Podemos pensar a morte como sendo um paradoxo semelhante ao da própria vida, pois ao mesmo tempo que parece ser simples, é incompreensível; do mesmo modo que se apresenta única, é também multifacetada; ausente e “onipresente”.

O homem para a morte, não tem tão somente um passado, presente e futuro, mas sim a “verdade” de que o futuro é um revelador da existência, e o passado, por sua vez, é transcendido por meio desta. *O ser do homem como possibilidade, como “projeto”, o introduz na temporalidade. (Heidegger, apud Aranha, 1986: 371).*

Podemos então, sugerir a idéia de uma nova consciência da morte; não que estamos insinuando que esta deva ser entendida como sendo algo pelo qual “vive-se para”, sem que se dê a ela um valor maior que o da vida. Isto seria uma atitude patética e pessimista. Esta “nova consciência”, da qual estamos falando, refere-se a assunção de uma vida voltada à consciência coletiva; de uma nova maneira de se atribuir valores às coisas materiais, de modo que estas não estejam totalmente acima de outros valores “não materiais”, e que podem nos proporcionar uma vida mais digna, e uma morte mais “serena”.

Como já vimos anteriormente, no decorrer da vida, desde o nascimento, o ser humano vai acumulando perdas “pequenas” e “grandes”; e, como também já foi dito, cada uma destas perdas representa um “luto” - qualquer que seja esta.

Todos esses “lutos” geram conflitos internos na pessoa, os quais, são chamados de “recalque” pela Psicanálise. Estes “conflitos” em sua maioria, podem ser “resolvidos” através, por exemplo, de uma “restituição” da perda, ou seja, para o caso de se ter perdido o emprego, um outro emprego pode resolver.

A restituição das perdas pode ser possível ou não. Para o caso da “perda do emprego” que citamos como exemplo, bem como outras de caráter similar, diríamos que são perdas “substituíveis”, pois oferecem possibilidades de serem “restituídas” ou “recompostas”. Mas além deste tipo de perdas “substituíveis”, existem as que não oferecem possibilidades de restituição, por isso, chamaríamos de “insubstituíveis”. A exemplo desse tipo de perda, citariamos o caso de um minuto “perdido”, dente “permanente” extraído e, acima de tudo, a perda de uma pessoa por meio da morte.

Este último modelo de perda “insubstituível”, sendo também o foco principal de nossa discussão, gera muita dor e sentimentos nostálgicos aos que ficaram, principalmente aos familiares e amigos mais próximos do falecido. Para essa perda não há sequer possibilidade de recomposição. Por mais que se queira e se esforce para isso, será sempre inútil — e os que já enfrentaram essa situação são testemunhas, disso só o tempo pode “cuidar”.

Na tentativa de “amenizar” a dor da falta de um ente querido, as pessoas fazem uso do recurso da linguagem e, por meio desta e da ideologia, expressam seus sentimentos, através de textos escritos sobre as lápides dos túmulos de cemitérios, textos estes que são chamados de epitáfios.

Os primeiros epitáfios foram os egípcios, os quais eram gravados nos sarcófagos e, todos os que foram possíveis de ser decifrados seguem um modelo único, começando por uma prece a um deus egípcio; em seguida, o nome do morto, bem como sua ascendência e títulos.

O termo “epitafos” oriundo do grego, é formado pelo prefixo “epi”, que designa “posição superior” e o radical “tafos” que quer dizer “túmulo”.

Os epitáfios da antiga Grécia são de grande interesse literário, por serem ricos de expressões que, no início, eram na maioria, compostos de versos elegíacos, e somente mais tarde começaram a surgir os primeiros escritos em prosa.

Os epitáfios da antiga Roma, eram, ao contrário dos gregos, desprovidos de qualquer valor literário e continham apenas fatos e o nome do defunto, mas, em contradição, a frase gravada em latim “Sit tibi terra Levis” (Que a terra te seja leve) é muito comum nos epitáfios dos tempos modernos.

Podemos buscar sentidos para o termo epitáfio em dicionário, como por exemplo do Dicionário Aurélio. Observemos sua definição:

Epitáfio. [Do gr. Epitáphion, pelo lat. epitaphiu] Sm. 1. Iniciação tumular. 2. P. ext. Lápide ou tabuleta com epitáfio (1). 3. Elogio fúnebre. 4. Espécie de poesia satírica (em geral uma quadra) feita sobre um vivo como se tratasse de um morto.

Deste modo, buscaremos analisar cinco tipos de epitáfios (tipologia esta definida dentro dessa proposta de análise) não pelo âmbito literário ou estético, mas por meio da análise de seus discursos. Acreditamos que existe uma infinidade de sentidos funcionando nos epitáfios; sentidos estes que como diz Orlandi (2002), estão determinados pelo sujeito que, por sua vez, também está determinado pela ideologia.

Acreditamos ser de extrema necessidade e relevância que esclareçamos que esta análise não possui cunho satírico. Seu único e principal objetivo é fazer ciência, respeitando a autoria, bem como o sentimento dos familiares dos mortos, cujos epitáfios por ventura, aqui tenham sido analisados.

I - FILIAÇÃO TEÓRICA

Para que possamos de fato entrar na análise do corpus, propriamente dita, entendemos que faz-se necessário que discorramos um pouco sobre a teoria pela qual estamos sustentados neste trabalho científico.

Conhecida por ser uma teoria da produção da linguagem, a Análise de Discurso (AD) teve seu início no final da década de 60 por Michel Pêcheux, a partir da conjuntura intelectual e política francesa daquela época. Grande parte das produções em Análise de Discurso foi resultado do trabalho com sociólogos, filósofos, historiadores e psicanalistas, passando então a ser uma ciência que se constitui a partir da Lingüística, do Materialismo Histórico e da Psicanálise.

A contradição dessas três áreas decorrem no seguinte: a Lingüística criada a partir de Saussure reestudada por Pêcheux assegura a cientificidade da língua; o Marxismo relido por Althusser garante o Materialismo histórico; e a Psicanálise, fundada por Freud e repensada por Lacan com a mudança da noção de “homem” para a de “sujeito”, se constitui na relação com o simbólico e, conseqüentemente, com a importante colaboração desses três estudiosos da língua nasce seu principal objeto — o discurso.

A AD não volta-se tão somente na interpretação, mas analisa o funcionamento do discurso, seus limites, como sendo estes parte do processo de significação onde não há um único e verdadeiro sentido através de um modelo de interpretação. Segundo a teoria da AD, um objeto precisa ser pensado social e historicamente, de maneira que, entre o confronto língua x ideologia, origina-se o discurso. Segundo (Orlandi: 2002, 26): ... *a Análise de Discurso visa a compreensão de como o objeto simbólico produz sentido, como ele está investido de significância para e por sujeitos.*

Outro aspecto muito interessante em Análise de Discurso é que o dito em um determinado discurso e o dito em outro, ao serem analisados, podem ter significações distintas e/ou iguais. Através da nova prática de leitura discursiva, é possível se escutar o não-dito no que é dito e também o dito, através do não-dito. Segundo Orlandi (2002), o sujeito não tem acesso ao dizível como um todo, pois apenas uma parte deste lhe é acessível e, mesmo o que o sujeito não diz, ou que muitas vezes desconhece, se significa em suas palavras.

Orlandi (1997) estabelece relação entre o silêncio e o sentido e diz que o primeiro é repleto do último sendo, porém, importantíssimo para o processo de significação do próprio sujeito.

Para a AD, por mais que o sujeito coloque-se como produtor do seu discurso estará sempre determinado pelas relações históricas, sociais e ideológicas. Diríamos então que existe uma certa “camuflagem” dessas relações, gerando, com isto, uma visão única do discurso *“não há discurso sem sujeito. E não há sujeito sem ideologia. Ideologia e inconsciente estão materialmente ligados.”* (Orlandi, 2002: 47).

Tanto a linguagem quanto a própria ideologia ocupam lugar de destaque no percurso teórico que critica, questiona, formula e re-formula questões ligadas ao sujeito, mas mantém-se as duas em uma posição em que não lhes é proporcionado que se interroguem na busca de um entendimento quanto à constituição do sujeito. Mas essa possibilidade passa a se tornar real a partir de Michel Pêcheux que funda, partindo do ponto de deriva deixado por Althusser, Foucault e Lacan, uma noção de sujeito onde possa se estabelecer relação entre ambas.

O conceito de sujeito, segundo Pêcheux (1995), não é algo “já-dado”, ou seja, pré-estabelecido, “estatizado”. É determinante da forma-sujeito entre a

sociedade e as relações que nela se estabelecem em um momento histórico que se pode considerar o sujeito, propriamente dito.

O sujeito, por sua vez, é elemento central de um embate teórico entre duas versões, sendo a primeira constituída a partir das ciências positivistas que tiveram sua origem no século XIX, a qual sustenta-se na idéia de um sujeito uno e transparente, que é possível de ser observado, estudado e discriminado por meio de características generalizáveis.

Para a segunda versão, o sujeito é visto como sendo produto de uma relação, um sujeito “feito aos pedaços”, sujeito ao equívoco e ao desejo. Para esta última versão, trata-se de um sujeito heterogêneo que não existe de forma isolada e neutra, pois está sempre subordinado ao outro e à ideologia. Esta versão busca investigar o processo de construção do discurso teórico o qual discute a questão do equívoco e da ambigüidade com relação à concepção de sujeito.

Diríamos que a Análise de Discurso não poderia ser vista como sendo um ideal científico, mais exatamente de prática científica na descrição de seu objeto, o discurso... (Marandim, 1979, apud Orlandi), mas sim como uma forma de conhecimento da linguagem que procura constituir sua metodologia, suas técnicas e suas práticas. (Eni Orlandi, 1987: 179).

Ainda nos dias de hoje existem certos conceitos e noções sobre o sujeito, sobre a imagem, sobre o texto, sobre a formação discursiva, dentre outras mais, que são ainda muito enigmáticas, incompreensíveis; e é exatamente através das análises do discurso que essas noções se tornam nítidas e se estabelecem criticamente em relação à teoria, Orlandi (1987).

Pêcheux (1995) estuda a forma-sujeito, na qual o sujeito do discurso se identifica com a formação discursiva que o constitui, que tende a esquecer o interdiscurso no intradiscurso, ou seja, ele simula o primeiro o qual aparece como

sendo o já-dito do segundo no qual ele se articula. Desta forma, diríamos que a forma-sujeito realiza a incorporação dos elementos do interdiscurso no intradiscurso.

A formação discursiva de Pêcheux, herdada de Foucault, constitui para a AD um ponto centralizado de articulação entre a língua e o próprio discurso. A partir daí se evidencia a noção de formação discursiva como sendo esta fundamental ao novo modo de se pensar o processo discursivo. Retomemos as palavras de Pêcheux:

Chamaremos, então, “formação discursiva” aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina “o que pode e deve ser dito” (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.) (Pêcheux, 1995:160).

O discurso, não sendo este produto de um sujeito específico, nos reporta à formação discursiva que o produziu e que, por sua vez, é marcada pela ideologia que nela está embutida. Valendo-se da análise das marcas lingüísticas e dos “não-ditos” é que se pode identificar a formação discursiva dos textos a serem analisados.

A Análise de Discurso não capta as expressões de forma isolada, mas sim a estrutura, isto é, o enunciado pode constituir-se tão somente de uma frase que, por sua vez, pode se inscrever num processo histórico e, logo o enunciado assume o papel de fenômeno histórico, possível de ser analisado e identificado.

Orlandi (2002), diz que a AD não procura encontrar um sentido único e verdadeiro no discurso, mas sim o real do sentido em sua forma lingüística e histórica.

Será então baseados nessas noções teóricas apresentadas que buscaremos analisar o discurso dos textos de epitáfios, sua articulação, seu funcionamento e seus sentidos. Textos estes que, segundo as informações que temos, através de registros, até a presente data ainda não haviam sido analisados neste Campus Universitário, e que, por assim dizer, nosso propósito aqui é exatamente a busca do conhecimento a partir do estudo de um objeto que poderíamos chamar de “novo”, ainda que acreditamos na existência de outras produções acerca dos epitáfios, sejam de cunho psicológico, folclórico, religioso, histórico e até mesmo discursivo, sabemos que para este último, não encontramos nenhuma referência de estudo.

II - CORPUS DE ANÁLISE

É sabido que existem diversas formas de se estudar a linguagem a partir de um objeto simbólico. Propor uma análise científica em qualquer uma dessas áreas, diríamos que no mínimo é um desafio que requer, por parte do analista, esforço, dedicação e, sobretudo, comprometimento com a pesquisa, rumo à descoberta do “novo”; sem deixar de lembrar que um trabalho científico só se realiza como tal, estando subsidiado teoricamente.

Na análise que propomos realizar, teremos como objeto principal compreender o funcionamento dos discursos que circulam nos epitáfios⁵. Nosso corpus de análise para esta pesquisa consiste de textos recolhidos dos túmulos existentes no cemitério de Pontes e Lacerda-MT.

Há uma heterogeneidade de sentidos funcionando, em virtude da historicidade, bem como da própria ideologia presente no sujeito do discurso; uma vez sabendo que este sujeito, ao produzir um discurso diante de um objeto simbólico, já está determinado ideologicamente; entretanto, une-se aí, o social e o histórico para dar sentido ao dizível. ... *não há discurso sem sujeito. E não há sujeito sem ideologia... o sujeito é interpelado pela ideologia.* (Orlandi, 1987:13).

Sustentados pela teoria da Análise de Discurso (AD), buscaremos analisar o discurso de cinco epitáfios diferentes, os quais chamaremos aqui de “D.a”, “D.b”, “D.c”, “D.d” e “D.e”, conforme sua tipologia, a saber:

- * D.a —————> Escrito em 1ª pessoa do singular
- * D.b —————> Escrito em 1ª pessoa do plural
- * D.c —————> Escrito parte em 1ª pessoa do singular, parte em 1ª pessoa do plural.

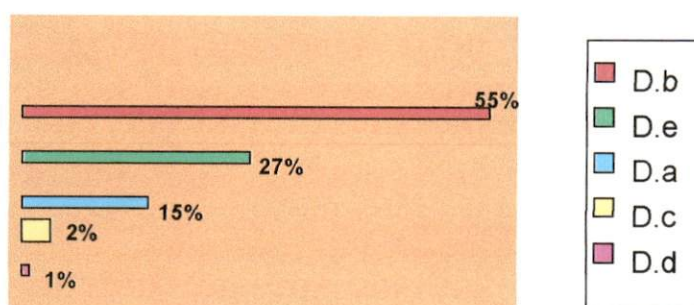
⁵ Texto escrito sobre as lápides dos túmulos no cemitério

***D.d —————> Sujeito indefinido**

***D.e —————> Jargões Bíblicos.**

Recolhemos 130 epitáfios no Cemitério Municipal de Pontes e Lacerda. A partir desse número efetuamos uma análise estatística visando a construção de um gráfico. Desse modo, constatamos que no que se refere à existência dos cinco tipos de epitáfios, pode-se observar o seguinte quadro no gráfico⁶ abaixo:

Gráfico das tipologias dos epitáfios



⁶ Os dados apresentados, baseiam-se em pesquisas realizadas em outubro de 2003.

III - ANÁLISE

Os cinco tipos de epitáfios aparecem colocados sobre as lápides dos túmulos em função da perda, causada pela morte de um ente querido, evidentemente.

Como já dissemos anteriormente, buscaremos analisar cinco tipos de discursos, os quais classificamos por D.a, D.b, D.c, D.d e D.e. Começaremos nossa análise a partir do que chamamos de “D.a”:

3.1 - EPITÁFIO “D.a”

“ Quando eu não mais existir, procure-me em si mesmo, pois estarei sempre em seu pensamento. ”

Neste fragmento, observa-se que, a priori, o sujeito do discurso aparece em 1ª pessoa do singular, ou seja, o que se tem neste caso é um “eu-defunto” falando, mas que por sua vez, está sendo significado através da interpelação ideológica de um “tu-vivente”. Faz-se necessário lembrar que *a língua é sujeita ao equívoco e a ideologia é um ritual com falhas que o sujeito ao significar, se significa.* (Orlandi, 2002: 37).

Deste modo, observamos no primeiro período do fragmento, o advérbio “Quando”, o que pode indicar a possibilidade do texto ter sido escrito pelo “defunto”, antes mesmo de sua morte. Observemos novamente a frase: “Quando eu não mais existir (...)”.

O advérbio “quando”, neste caso, dá a possibilidade de futuramente algo ou alguém “deixar de existir”, o que implicaria na hipótese do “eu-autor” do discurso ainda estar em vida no momento do intradiscurso⁷.

Como sabemos, os sentidos não se estacionam apenas no que está “dito”, mas também funcionam pelo “não-dito”, ou seja, ao dizer, por exemplo, “não pulo mais de pára-quedas” o pressuposto que se tem para este caso é que “eu pulava antes”. Diferentemente do que seria se não houvesse o advérbio “mais” explícito na frase. (Ducrot, 1972; apud. Orlandi, 2002).

Retomando o seguinte trecho do texto: “(...) pois estarei sempre em seu pensamento”, observamos que o verbo “estar” apresenta-se no tempo futuro - “estarei”. O que implicaria na idéia de que “eu”, no momento do intradiscurso, ainda não “estou” em seu pensamento. Isto é o que Orlandi (2002) chama de “não dito, mas presente”.

Faz-se necessário que deixemos bem esclarecido que, tanto para este texto, quanto para os demais que em seguida apresentaremos, buscaremos analisar os sentidos, por meio de todos os pressupostos e dados possíveis, não nos delimitando unicamente na interpretação, mas sim analisando todos os “possíveis” sentidos existentes de forma implícita ou explícita no texto. Em conformidade com (Orlandi, 2002: 26):

A Análise do Discurso não estaciona na interpretação, trabalha seus limites, seus mecanismos, como parte dos processos de significação. Também não procura um sentido verdadeiro através de uma “chave” de interpretação.

Há um outro prisma de análise, muito interessante que seja discutido, que é o aspecto ideológico no qual o sujeito do discurso se insere. O que seria a hipótese

⁷ Segundo Courtine (1984), apud Orlandi, 2002, intradiscurso é o eixo horizontal, isto é, aquilo que se está dizendo num dado momento, em dadas condições.

(um tanto provável) para o D.a, é a apropriação do “discurso do morto” por parte de um outro sujeito do discurso, a fim de dizer o que ideologicamente, imagina que seria dito por aquele que já não mais existe; ou tenta dizer o que desejaria que lhe fosse dito pelo “ausente”.

Para essa hipótese de análise, diríamos que, neste caso, o que se tem é um texto póstumo.

O sentimento da perda de um ente querido, como já dissemos anteriormente, provoca o “luto individual” e, como isso, as pessoas, em sua maioria, tendem a lançar mão de subsídios que possam, de certa forma, ajudá-las a “amenizar” a dor que sentem. (Maria Helena Bromberg, Isto é, 1999, nº 1541).

Deste modo, não podemos descartar a hipótese desse “eu”, ou “nós” autor implícito do discurso, ao se significar ideologicamente, por meio da apropriação do discurso de um “tu” ou “ele” que está ausente (fisicamente), mas que ao mesmo tempo está “presente” pela sua representação visível de sujeito-autor do texto (Orlandi, 1998), de certo modo estar buscando, como já dissemos, uma forma de escrever aquilo que acredita que o morto escreveria; dizer o que gostaria que lhe fosse dito; e com isso “burlar” a dor da perda do outro. Em Bakhtin (1997) encontramos o seguinte comentário:

Os valores vinculados à existência da pessoa, determinada por suas propriedades, só concernem ao outro. Apenas o outro torna possível a alegria que sentirei ao deixá-lo, a dor que sentirei ao perdê-lo; e é somente com ele que posso encontrar-me e somente dele posso separar-me no espaço temporal. (Bakhtin, 1997:120)

Podemos dizer que só há possibilidade de sentir a falta do “outro”; por meio de sua ausência, pois é exatamente em virtude de sua existência que nos é possível chorar a sua perda, e regozijar de alegria ao vê-lo, encontrá-lo. É

impossível sentirmos a falta de nós mesmos, uma vez que não podemos nos separar do nosso próprio corpo. Bakhtin (1997).

Pressupõe-se que o locutor do “D.a”, ao dizer “procure-me em si mesmo”, se auto-sugere a (por meio de memórias, e do próprio pensamento) se “reencontrar” com aquele que já não mais existe, valendo-se da interpelação da linguagem e da ideologia. Quanto a essa consideração é possível recorrer a Orlandi (1987) no que concerne ao espaço da subjetividade e à constituição do sujeito:

... a relatividade da noção de sujeito não é absoluta. Não se deve enrijece-la em nenhum dos pólos: nem no pólo individual, nem no social. Daí não se pode afirmar, segundo o que cremos, nem um sujeito absolutamente dono de si, nem um sujeito totalmente determinado pelo que lhe vem de fora. O espaço da subjetividade na linguagem é tenso. (Orlandi, 1987: 189).

Em suma, diríamos que a análise do “D.a”, mostrou-nos um pouco sobre a forma pela qual o sujeito-autor, por meio da linguagem, do discurso e da ideologia, apropria-se do discurso do “morto” para se significar através deste; não descartando a hipótese deste fragmento (D.a), que acabamos de analisar, bem como outros com a mesma tipologia de discurso terem sido produzidos pelo próprio “morto”, antes de sua morte, mas que, como se sabe, é por meio do equívoco e da ideologia que se constitui a linguagem e logo, o discurso.

3.2 - EPITÁFIO “D.b”

Analisaremos agora um dos epitáfios, cujo discurso, anteriormente denominamos “D.b”. Neste tipo de discurso, têm-se, ao invés de um “eu-defunto” funcionando como sujeito do discurso, através da significação ideológica de um “nós-vivente” - o que chamamos aqui de “D.a”, têm-se neste momento a presença do próprio “nós-vivente” como sujeito do discurso, falando a um “tu-defunto”, mas com seu discurso próprio, ou seja, a família fala ao morto, mas sem se apropriar do discurso “deste”:

“Um dia as lágrimas secarão, mas nunca esqueceremos os caminhos da vida que você nos indicou. Saudades de seus familiares.”

Neste discurso (D.b), observa-se que o próprio sujeito do discurso se situa em 1ª pessoa do plural (nós), e que por meio da interpelação ideológica e, sobretudo, do inconsciente, Pêcheux (1995); busca externar seus sentimentos, sua gratidão e, sobretudo sua “grande” dor em virtude da perda de um ente-querido.

Longe de ser um produto de um sujeito específico, o discurso nos reporta à formação discursiva que o criou e que, por sua vez, é fortemente marcada pela ideologia nela embutida. Vejamos o que diz Pêcheux a respeito dessa questão:

... o funcionamento da ideologia em geral com a interpelação dos indivíduos em sujeitos (e, especificamente em sujeitos de seu discurso) se realiza através do complexo das formações ideológicas (e, especificamente através do interdiscurso intrincado nesse complexo) e fornece “a cada sujeito sua realidade...” (Pêcheux, 1995: 162).

Com base nesse fragmento de Pêcheux, em relação ao “D.b”, diríamos que o sujeito do discurso, no momento do intradiscurso (Orlandi, 2002), fez o uso, mesmo que de forma inconsciente, de suas ideologias, de sua historicidade (quanto ao conhecimento da pessoa do “morto”) e sobretudo, da dor que sentia por tê-lo perdido em virtude da morte. O que nos leva a acreditar que a própria historicidade, convivência, e até mesmo o tipo de parentesco com o “falecido”, implicam significativamente no processo discursivo do “D.b”. Com isto, diríamos que no “D.b”, a forma com a qual o(s) filho(s) fala(m) à mãe “morta”, não seria a mesma para o caso, por exemplo, do sogro ao “genro morto”; do genro à “sogra morta”, e ademais.

A relação de afetividade e historicidade neste caso (D.b), possui um papel muito significativo no discurso. Deste modo, no trecho: “(...) *nunca esqueceremos os caminhos da vida que você nos indicou (...)*”, pode-se notar o fato de que o “morto”, por sua vez, enquanto em vida, atuou de forma significativa na vida destes “vivos” que lhes falam, através do discurso e da interpelação da ideologia. *Tudo que dizemos tem, pois, um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos.* (Orlandi, 2002:43).

Outro ponto importante a ser discutido no “D.b”, é exatamente a questão da representação da “dor”, sentida pelo sujeito do discurso em função da “não-presença”, ou “ausência” para sempre do ente querido. “*Um dia as lágrimas secarão(...)*”. Neste fragmento, de forma um tanto metafórica, o sujeito do discurso expressa sua dor “continua”, pois, aqui, “Um dia”, serve para consumir a idéia de uma possível “amenização” do luto (futura), mas deixa explícita a idéia de que por um instante o sujeito está sendo “possuído” pela dor da perda de alguém, em virtude da morte. *Apenas o outro torna possível a alegria que sentirei*

ao encontrá-lo, ao estar com ele, o pesar que sentirei ao deixá-lo, ao perdê-lo...
(Bakhtin, 1997:120).

Seguindo a linha do pensamento bakhtianiano, diríamos que o sujeito do “D.b”, fala ao morto como se este pudesse, de alguma forma, ler ou ouvir seu discurso que, na maioria das vezes, situa-se em agradecimentos, pedido de perdão, indignação à causa da morte ou um simples “farewell”,⁸ uma vez sabendo que nunca mais se poderá ter a presença (física) daquele que transcendeu para o plano da morte; e dele se sente saudade e dor pela sua falta: “*Saudades de seus familiares*”.

Como já dissemos anteriormente, não se sente falta de si mesmo, mas da pessoa do outro, através da lembrança das obras que ele realizou, dos momentos de alegrias e tristezas que foram compartilhados com seus familiares e/ou amigos e, acima de tudo, através de sua representação histórica, política e social, em meio à humanidade. Leiamos as palavras de Bakhtin (1997):

É a respeito do outro que se inventam histórias, é pelo outro que se derramam as lágrimas, é ao outro que se erigem monumentos; apenas os outros povoam os cemitérios; a memória só conhece, só preserva e reconstitui o outro... (Bakhtin, 1997:126).

Em suma, diríamos que o discurso (D.b), é representação dos traços ideológicos, históricos e, acima de tudo, sentimentais da família para como o “morto”, como se as palavras, representadas no epitáfio, de alguma maneira, pudessem estabelecer um elo entre o sujeito do discurso (nós) e um outro sujeito (tu), que ali se encontra morto e sepultado.

⁸ Do inglês - despedida, adeus.

3.3 - EPITÁFIO “D.c”

Passaremos agora a analisar o discurso “D.c”, o qual é notado pela presença de dois sujeitos do discurso, ou seja, têm-se, no primeiro momento um “eu-defunto”, falando à família, e em segundo momento, nota-se que a família “toma parte do discurso”, e por meio deste, expressa seu sentimento nostálgico devido à ausência “eterna” de alguém que a morte o levou. Tomaremos o seguinte epitáfio:

“Peço perdão a grande vida do universo, pela minha ignorância e peço-lhe que me conceda sabedoria. Eterna saudade de seus familiares”.

Como se pode observar, neste discurso (D.c), têm-se de início, um sujeito em 1ª pessoa do singular (eu), o que a Gramática Normativa chamaria de “sujeito que pratica a ação”, e em seguida a “intromissão” de uma outra voz que ecoa da 1ª pessoa do plural.

A ideologia, como já dissemos, está no discurso, seja este qual for, *não há discurso sem sujeito. E não há sujeito sem ideologia (Orlandi, 2002: 47)*, deste modo, no discurso “D.c”, no momento em que “o morto pede perdão a grande vida do universo”, este, por sua vez, foi significado por um outro sujeito, através de sua ideologia e seus sentimentos nostálgicos, ou seja, alguém “se apossou” do “discurso do morto” para significar através deste.

Uma segunda “hipótese” de análise seria a de que o “morto” tivesse produzido este discurso antes de ter expirado - o que não é de se descartar, porém, em nossa análise, discutiremos somente os sentidos, a partir do discurso, uma vez

notando que trata-se aqui de um trabalho de pesquisa voltado à análise do discurso de epitáfios, e não de uma pesquisa puramente histórica e/ou folclórica a respeito destes.

No momento em que o sujeito do discurso, “o morto”, diz *“Peço perdão a grande vida do universo, pela minha ignorância(...)*, nota-se que há, por parte do outro sujeito, aquele que se apropriou de suas palavras (as do morto), uma certa vontade de que o “morto”, por sua vez, se redimisse diante de sua “ignorância”, ou seja da maneira “rude” de ser, ou da “falta de sabedoria” que lhe caracterizava enquanto ser humano diante do mundo e da própria vida.

Outra forma de se pensar esse fragmento, é o fato de que ao mesmo tempo que se percebe um certo desejo de “remissão” da ignorância e até mesmo das falhas que o “morto” teve enquanto ser humano que fora, por parte de um outro sujeito que se apropria de seu discurso - e talvez este outro sujeito seja a própria família, pode-se trabalhar com a hipótese de que este outro sujeito esteja ele mesmo se “redimindo” diante de sua própria ignorância, e não a do “morto”: *“(...) peço-lhe que me conceda a sabedoria (...)”*. Esta última “hipótese” é de certa forma muito interessante, uma vez que é “importante” que tenham sabedoria aqueles que ainda estão vivos, e não os que já morreram.

Não se pode negar o fato de que há uma complexidade no próprio discurso, e principalmente em se tratando de analisar o discurso e seu(s) sujeitos(s), mas o que se sabe é que *A Análise de Discurso não procura o sentido “verdadeiro”, mas o real sentido em sua materialidade lingüística e histórica.* (Orlandi, 2002: 59); desta forma, o que dissemos aqui a respeito de “D.c”, não passa de uma análise dos possíveis sentidos existentes no mesmo, sendo esta análise flexível e passível a “erros e acertos”, pois como colocamos anteriormente, “não há sujeito sem ideologia” logo, o que aqui dissemos está, de certo modo,

relacionado às ideologias que temos enquanto sujeito do discurso, interpelados pela própria ideologia.

Os sentidos presentes no “D.c” são, de certo modo “paradoxais”, ou seja, ao mesmo tempo que se apresentam “claramente” de uma forma em um determinado momento, em outro apresentam-se de outra, fazendo com que haja uma “alternância” de interpretação do discurso, isto é, *interpreta-se e ao mesmo tempo nega-se a interpretação, colocando-a no grau zero.* (Orlandi, 2002: 46).

A presença do sujeito “nós” no discurso “D.c”, evidencia-se com a presença da última frase “Saudade de seus familiares”, fica explícito nesta frase que o sujeito do discurso aqui é realmente a família que, por sua vez, sente saudade devido a ausência de um ente querido, saudade esta que, longe de ser passageira, é “eterna” no coração daqueles que a têm, e que, por meio do discurso, tentam, de alguma forma, externá-la.

3.4 - EPITÁFIO “D.d”

Neste momento, passaremos à análise de “D.d”. Como já dissemos anteriormente, este discurso é notado pelo “ocultamento” do sujeito do discurso, ou seja, têm-se uma frase cujo sujeito é “indeterminado”, pois não é possível visualizar quem disse o que a quem . Este tipo de discurso, como já mostramos anteriormente no gráfico, é muito raro o seu uso em epitáfio, pelo menos em relação ao nosso corpus de estudo, que baseia-se, como já dissemos, em pesquisas realizadas no cemitério de Pontes e Lacerda-MT; no período de 2003/02:

“Morrer é uma arte”.

Neste discurso (D.d), observa-se que, diferentemente de “D.a”, “D.b”, “D.c”, os quais analisamos anteriormente, ele possui uma característica particular, exatamente devido ao fato de não deixar claro quanto à identidade do sujeito que o produz . *“Morrer é uma arte”*, pode ter sido produzido pelo próprio “defunto” antes da morte; e, ao mesmo tempo, existe a possibilidade deste discurso ter sido produzido pela família, ou talvez por nenhum deles. Eis aqui um problema, seria o da “identidade” do sujeito, mas como sabemos, *não há discurso sem sujeito*. (Orlandi, 2002: 47).

Obrigatoriamente deve ser considerado o fato de que não há sujeito que não seja interpelado pela ideologia, Orlandi (2002). Desta maneira diríamos que, para o caso do “D.d”, como para os demais também, há funcionando, de forma

implícita ou explícita, as ideologias, os conceitos e as crenças do sujeito do discurso, através das “marcas” deixadas por este no discurso.

Ao analisar discursivamente a frase *morrer é uma arte*, é possível pressupor um “não temor”, uma “aceitação” ou até mesmo, uma certa “adoração” à morte, expressa ideologicamente pelo sujeito “indeterminado” do discurso, pois se este a temesse ou a repudiasse, seu discurso não se daria da mesma forma - poderia, talvez, ser do tipo: *Morrer é um absurdo*, ou *Morrer é uma injustiça*; e jamais *Morrer é uma arte*.

Diante da ótica da AD, o discurso deve ser caracterizado pelo seu funcionamento interno e não tão somente seu tipo visível. A visibilidade que os discursos adquirem, serve para o analista apenas como pressupostos. Por meio da ideologia, o homem, em geral, é levado a interpretar o discurso, definir o que este é ou o que significa, ou seja, atribuir-lhe “sentido evidente”, “como se tudo estivesse lá”. *É o trabalho da ideologia: produzir evidências, colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência.* (Orlandi, 2002: 46).

No “D.d”, é possível se observar que há sentidos funcionando por meio do “silêncio”, ou seja, através do “não dito”; ao afirmar que *morrer é uma arte*, diz-se que “aceitar a morte, ou cultivá-la”, não é algo comum para todos, assim como não é a própria “arte”. *O posto (o dito) traz consigo necessariamente esse pressuposto (não dito mas presente).* (Orlandi; 2002:82).

Desta maneira, uma forma de entendermos os sentidos, seria relacioná-los com o dito e o não-dito na unidade discursiva.

3.5 - EPITÁFIO “D.e”

Dando seqüência ao nosso trabalho de análise, passaremos neste momento a analisar o “D.e”, ou seja, o discurso a partir dos jargões bíblicos utilizados nos epitáfios.

Tipologicamente falando, diríamos que o “D.e” possui características que o diferem de “D.a”, “D.b”, “D.c” e “D.d”, pois para este caso, em particular, a “autenticidade” de quem o produz é de certo modo “menor”, se comparada aos outros discursos que, por sua vez, não são apenas “jargões”:

“Eu sou a ressurreição e a vida. Quem exercer a fê em mim, ainda que morra, viverá. (Jo. 11: 25)”.

Como já foi dito anteriormente, *“não há discurso sem sujeito. E não há sujeito sem ideologia (Orlandi, 2002: 47)*; assim, diríamos que no caso do “D.e”, o sujeito do discurso é o próprio Jesus Cristo, representado discursivamente por João Batista, ou seja, são personagens bíblicos, mas que, aqui, seus discursos estão sendo usados para, de certa forma, “confortar” a família, no sentido de dar-lhes a idéia de que seu ente perdido não se “extinguirá” para sempre, pois existe a promessa de Cristo da ressurreição para os que nele crêem.

Neste sentido, o que se tem “embutido” neste discurso é a “crença religiosa” de quem o “reproduz”, ou seja, através do interdiscurso ou do discurso religioso, outro sujeito externa a sua ideologia, lançando mão de um discurso *não*

totalmente seu”, mas que “ele aprende” a assumir o papel de autor daquilo que lhe implica”. (Orlandi, 2002: 76).

O “D.e” deixa explícito a crença, por parte de quem o “reproduz”, no próprio Cristianismo, pois este, por sua vez, possui como principal característica, a crença na “ressurreição dos mortos” no “juízo final”, para todos os que tiveram “boa conduta” durante sua vida. *Sairão, os que fizeram boas coisas, para uma ressurreição de vida, os que praticaram coisas ruins para uma ressurreição de julgamento. (Jo. 5: 29).*

Por outro lado, o “D.e”, pode, de certa forma, ser visto também como uma “alternativa”, por parte dos que os colocam sobre as lápides de túmulos, no sentido de ideológica e/ou inconscientemente, externar sua vontade própria de “viver eternamente”, e a idéia de “ressurreição”, por assim dizer, seria como “ponto-chave” para consumir essa vontade. *A crença na imortalidade, na vida depois da morte simboliza bem a recusa da própria destruição e o anseio de eternidade. (Aranha, 1986: 368).*

Em suma, diríamos que o “D.e” caracteriza-se pela “transparência” da ideologia puramente cristã, por parte dos que acreditam na “vinda do Reino de Deus” e na “ressurreição dos mortos”.

(...) para que não entristeçais, como os demais, que não têm esperança. Porque, se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também aos que em Jesus dormem Deus os tornará a trazer com ele. (Tessalonicenses, 4: 13-14).

Como já dissemos bem anteriormente, as pessoas em geral odeiam pensar na “idéia de morte”, mas por outro lado, como diz a psicóloga Maria Helena Bromberg (PUC/SP), quando a morte de fato acontece, *o enlutado odeia pensar que vai esquecer o ente que morreu. Ele não pode, nem quer esquecer. O que se*

têm no caso do “D.e”, assim como na maioria dos outros discursos presentes nos epitáfios, é talvez, um “recurso” para que a lembrança do “morto” que ali se encontra, se faça presente de forma mais efetiva na mente e no coração dos que, de alguma forma, fizeram parte do seu mundo, a cada momento que lêem esse epitáfio.

PALAVRAS FINAIS

Considerando que para a AD não existe discurso sem sujeito e, nem tampouco, sujeito sem ideologia, diríamos que todos os discursos que funcionam nos epitáfios, quer sejam estes “D.a”, “D.b”, “D.c”, “D.d” ou “D.e”, como já notamos nesta análise, “evidenciam” a dor gerada pelo luto, bem como as diversas crenças e, sobretudo, a própria ideologia, por parte do sujeito do discurso. E este, por sua vez, consciente ou inconscientemente, deixa “pistas” no discurso, as quais servem como pressupostos para que o analista formalize a “hipótese” de que, tanto o “dito”, quanto o “não dito”, servem de subsídio para que o próprio sujeito do discurso possa, ideologicamente, “dizer ao morto” o que gostaria que “este” ouvisse, ou talvez, se apropriar do “discurso do morto” e através deste, dizer o que gostaria que “ele” dissesse, ou seja, o que gostaria de ouvir “dele”, em forma de um “eco refletido”.

BIBLIOGRAFIA

ARANHA. M, *Filosofando: Introdução à filosofia*, Moderna, São Paulo. 1986.

BAKHTIN. M, *Estética da criação verbal*, Martins Fontes, São Paulo. 1997.

BENJAMIN. W, *Magia e técnica, arte e política*, Brasiliense.

Bíblia Sagrada 110ª ed; revisada por Frei João José Pedreira de Castro, São Paulo, Clarentiana, 1997.

CHAUI, M, *Convite à filosofia*, São Paulo, 1997.

HOLANDA, F, *Novo dicionário da língua portuguesa*, Nova Fronteira, Rio de Janeiro.

KASTENBAUM, R, *Psicologia da morte*, Trad. Adelaide Petters, Ed da Usp, São Paulo, 1983.

Maria Helena Bromberg, revista "Isto é" nº 1541, de abril de 1999.

Mirror Weekly __ Seminário de Tanatologia, publicado em 1998, na República das Filipinas _ fonte: chugueacharles@hotmail.com

MONTAIGNE __ Os pensadores, Nova Cultural.

ORLANDI, E. *A linguagem e seu funcionamento*, Pontes, Campinas-SP. 1987.

_____, *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Pontes, Campinas-SP. 2002.

_____, *As formas do silêncio*, Ed. da Unicamp, Campinas-SP, 1993.

_____, *Interpretação*, Vozes, Rio de Janeiro, 1996.

PÊCHEUX, M. *Semântica do discurso*, trad Eni Orlandi, Ed da Unicamp, Campinas-SP, 1995.

Revista "Superinteressante" nº 173, de fevereiro de 2002.

Revista "Veja" nº 889, de 18 de setembro de 1985.

[http:// www.sexodrogas.psc.br](http://www.sexodrogas.psc.br)

[http:// www. assustador.com.br](http://www.assustador.com.br)

[http:// www. findagrave.com.br](http://www.findagrave.com.br)

ANEXOS



Cemitério Municipal de Pontes e Lacerda – MT.



Cemitério Municipal de Pontes e Lacerda – MT.



Saint Margaret`s Church

Graveyard of Hertfordshire, England.

Igreja de Santa Margaret

Cemitério de Hertfordshire, Inglaterra.



Graveyard of Washington D.C; USA

Cemitério de Washington D.C; EUA

Alguns pensamentos célebres acerca da morte

“Encarar a morte com calma só é meritório para quem encara sozinho. A morte a dois não é morte, nem mesmo para os céticos. O que nos entristece não é o fato de deixarmos a vida e, sim, o de deixarmos o que dá valor à vida. Quando o ser amado é nossa vida, que diferença haverá entre vivermos juntos ou morrermos juntos?”.
(Raymond Radiguet)

“Morrer é recomeçar. Porque diante das infindáveis mortes que recomeçamos”.
(Lúcio Cardoso)

“Primeiro morrem nossos prazeres; depois nossas esperanças; depois nossos temores. E, então, nossa vida vence: o pó reivindica o pó, e morremos por nossa vez”. (P. B. Shelley)

“Vale a pena morrer; fugir do mundo e das trilhas da selvática aspereza; e mergulhar de novo no profundo abismo da profunda natureza”. (Julia Cortines)

“Começamos a morrer no momento em que nascemos, e o fim é o desfecho do início”. (Marcus Manilius)

Alguns exemplos de epitáfios escritos no século passado*:

Exemplos de epitáfios de crianças:

Adeus, querido filhinho,
Que partiu com tenra idade,
Levando ao céu a esperança,
Deixando, em nós, a saudade.

Candura, graça, inocência,
Refugiaram-se aqui.
Terra, não peses sobre ela,
Pois não pesou sobre ti.

Aqui jazem os meus ossos,
Neste campo de igualdade,
Para onde virão os vossos,
Quando Deus tiver vontade.

Por ser muito boazinha
Não pôde morar aqui,
Foi ficar com os anjinhos
Deus a levou para si.

Exemplos de epitáfios de adultos:

Eu que nunca um só
momento, senti paixão
pelo ouro, Hoje por
causa da morte, Guardo
enterrado um tesouro.
(Do filho à mãe)

"Lina,
Dorme tranqüila no teu gélido
leito
Dorme o teu último e
derradeiro sonno
Anjo de candura e bondade
Mas não te esqueças de teus
paes
Que te dedicaram a mais
pura e sincera das amizades.
Fallecida em 6-8-1916
Com um anno de idade."

* Estes exemplos de epitáfios foram colhidos no cemitério de Olímpia-SP.
Algumas palavras e frases estão escritas de acordo com a grafia da época, o que se difere da grafia atual da Língua Portuguesa no Brasil.

"Dorme Ida, nosso thezoro
Que ao clarão do triste luar,
Os anjos das asas dourado
Do céu te venhão embalar.
Fallecida - 19-6-1916
Com 21 meses de idade
Saudades de seus Paes".

"Dorme Dalva tranqüila
no teu gélido e teu último
e derradeiro sonno
mas não te esqueças de
teus paes e irmãos.
Nascida em 14-4-1924
Morta em 4-11-1924".

"Ruth:
Anjo de candura e inocência
Dorme tranquilla em teu
gélido leito,
mas não te esqueças de teus
Paes
e irmãos inconsoláveis.
Nascida em 7-10-1924
Morta em 6-2-1926"

"M. de C.
Nascida em 30-3-1920
Morta em 19-7-1954
Saudades de meus irmãos
e sobrinhos com saudade
parti
para um novo mundo.
Deixei aos meus uma dor
profunda
somente a fé podem servir de
lenitivo Jesus Querido,
Dae-me o descanso e a luz
eterna".

"Ao inesquecível anjinho
De que valeu meu orgulho
de seres filho meu
Pois Deus também cobiçou-te
Levando-te para o céu.
O teu apelido anjinho
Era ornado a ti
Foste um verdadeiro anjo
Não eras mesmo daqui.
De mão a saudade
E a mais intensa e pura
Só desaparecerá um dia
Unindo-nos à sepultura.
Sua mãe.
B.O.N.
Nascido em 7-4-1945
Faleci do em 1-11-1947".

"Aqui dorme o sono eterno
M.A.R.
Morta em 23-12-1944
Com 38 anos
Amparai na desventura e
consolai no sofrimento os que
nunca te esqueceram esposo,
filhos e parentes
Saudades".

"E.S.A.

As tuas excelsas virtudes
Contribuam para que sejas
eleito de Deus!
O bem que semeastes na
terra
Se transforme em profusão
De graça para tua vida
suprema!
Amparaí na desventura
E consolai no sofrimento
Os que não te esquecerão
Esposa e Filhos
8-7-1938".

Dair

Anjo de ternura,
O ideal inesquecível de seus
paes
Dorme tranquilla...
Que o teu berço seja
embalado
Pelos bravos de MORPHEU,
Aureolado pelos anjos,
Espargindo braçadas de
flores
Sobre o teu solitário leito.
Falecida em 3 de janeiro de
1917 com 6 meses de
idade".

"Aqui jaz os restos mortais
do jovem A.S.
Barbaramente assassinado
no dia 18 de agosto de 1928.
Saudades de seus paes".

"V.M.J.

Nascida em :10-11-1890
Morta em 28-3-1945
A Ela as lágrimas sentidas
Brotadas do fundo dos
corações de seus filhos,
irmãos,
genros, nora, netos,
parentes e amigos".

"Aqui jaz

os restos mortais de A.P.
Falecida no dia 7-6-1929
Com 87 annos de idade
saudades de seus filhos
genros e netos.
Dorme, querida mãe
o sonno da eternidade
deixas-tes teus filhos
com a dor da saudade
orai por nós".

"Anjos

Se da mansão celeste
é permitido ver as pessoas
queridas aqui na terra
fixaes em nossos olhos
e iluminai os nossos passos".

"Pais queridos

Dorme em paz
Embalado na solidão
Até Jesus te chamar
Para a celestial mansão.
Túmulo de L.M. - (1932)
B.M. - (1943)".

CANÇÃO DE NINAR

É hora de dormir
As luzes da cidade se apagam
Estou só em meu quarto
No escuro
Chorando
Sou uma filha da escuridão
Chegou a hora
Esse é o momento
De se recolher no meu leito
E é aí que ela aparece
Sinto um doce temor
E um alívio no meu peito
Dona Morte
Acabe com a agonia
De uma pobre garotinha
Que nessa vida
Só soube amar
O amor se transformou em dor
A dor em um único desejo
Desejo de se suicidar
Me ponha prá dormir
Cante-me uma canção de ninar
Me pegue no colo
Feche meus olhos
Beije-me com seus lábios de sangue
Prá eu enfim me libertar
E nunca mais acordar

(Josiane Lima)

VIVER

Morre a flor
Morre o amor
Morre o dia
Morre a Maria
Morre a lembrança
Morre a esperança
Que significa viver,
senão o fato de estar à mercê
do tempo e da vida,
que também morrem a cada instante...

(João Vanes)

LIBERDADE

O pássaro é livre,
na prisão do ar.
O espírito é livre,
na prisão do corpo.
Mas livre, bem livre,
é mesmo estar morto.

(Carlos Drummond Andrade)